

50 VERSÕES
DE AMOR E PRAZER



50 VERSÕES DE AMOR E PRAZER

50 CONTOS ERÓTICOS POR
13 AUTORAS BRASILEIRAS

Organização
Rinaldo de Fernandes



Copyright © 2012 by Organizador Rinaldo de Fernandes

1ª edição — Outubro de 2012

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009

Editor e Publisher

Luiz Fernando Emediato (licenciado)

Diretora Editorial

Fernanda Emediato

Produtor Editorial

Paulo Schmidt

Assistente Editorial

Erika Neves

Capa

Raul Fernandes

Projeto Gráfico

Futura

Diagramação

Kauê Andrade

Revisão do próprio autor

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

São Paulo : Geração Editorial, 2012. --
(Coleção muito prazer)

ISBN 978-85-8130-115-0

GERAÇÃO EDITORIAL

Rua Gomes Freire, 225 – Lapa
CEP: 05075-010 – São Paulo – SP

Telefax: (+ 55 11) 3256-4444

E-mail: geracaoeditorial@geracaoeditorial.com.br

www.geracaoeditorial.com.br

twitter: @geracaobooks

2012

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

Sumário

Állex Leilla

Hot dog.....	9
Epímeno	23
Souvenir	29
Três elefantes	36

Ana Ferreira

Enquanto seu lobo não vem	57
A dona da casa.....	64
Julietta prateada.....	68

Ana Miranda

A sesta	73
Estátuas	76
Instrumentos	78
As joias de Jeanne.....	80

Ana Paula Maia

Danado.....	83
Perversão	89
Fome	95
Tarantino.....	99

Andréa del Fuego

O amante de mamãe.....	103
Trama apertada	104
Pináculo da tentação.....	106
Quarto minguate	108

Cecilia Prada

Insólita flor do sexo	111
A chave na fechadura.....	125
Sílvia.....	133
<i>Nuit d'amour</i> (ou “Noite de amor”)	140

Juliana Frank

A viúva de quatro	147
Romance de calçada	150
Você é tão simples e eu gozei.....	155
Pinga e reza	160

Heloisa Seixas

As moscas	165
Viagem a Armac.....	171
A porta	184
Pérolas absolutas	188

Leila Guenther

Avalanche.....	193
Romã	196
Viagem a um lugar comum.....	203
Contra a natureza	209

Luisa Geisler

Penugem	217
Você vai me ver.....	227
Foi assim que começou	232
A melhor amiga (ou “White lies”).....	238

7

Márcia Denser

Relatório final.....	245
Adriano.com.....	254
O diário de Julia.....	263
O animal dos motéis	274

Marília Arnaud

Os inocentes.....	281
Senhorita Bruna.....	291
A passageira	304

Tércia Montenegro

Curiosidade	315
Sessão das seis	317
Dois em um	320
Um caso familiar.....	326

E por falar em antologias	339
---------------------------------	-----

Rinaldo de Fernandes

Sobre o Organizador	355
---------------------------	-----



ÁLEX LEILLA

Autora de *Urbanos* (contos — Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1997 — prêmio de literatura para autores inéditos da Brasken), *Obscuros* (contos — Salvador: Oiti, 2000), *Henrique* (romance — Salvador: Domínio Público, 2001), *O sol que a chuva apagou* (novela — Salvador: P55, 2009) e *Primavera nos ossos* (romance — São Paulo: Casarão do Verbo, 2010 — obra selecionada pelo Programa Petrobras Cultural). Integrou a antologia *25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira* (org. Luiz Ruffato — Rio de Janeiro: Record, 2004). Vencedora, em 2010, do 20º Concurso de Contos Luiz Vilela, com o texto “Felicidade não se conta”, publicado em antologia pela Fundação Cultural de Ituiutaba (MG). Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora de Literatura Portuguesa na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Nasceu em Bom Jesus da Lapa (BA).

HOT DOG

Nada, jamais, substituirá o companheiro perdido.

Antoine de Saint-Exupéry

ENTÃO, NO AUTOMÁTICO, ELA ABAIXOU o vidro do carro e chamou por ele, esquecendo-se de que se tratava de um amigo morto. Mais precisamente: o idiota do amigo que cometeu infanticídio. Excesso de “i”, reconheceu. Quando perderia a tendência por frases recheadas de assonâncias, trocadilhos, aliteraões? No meio do trânsito, não haveria por que dar cabimento a tais detalhes — em casa, rodeada de dicionários, talvez? Mania de copidescar o pensamento. Ossos do ofício. Não era de todo mal, posto que necessário a uma tradutora. De resto, desimportava o estilo, a questão era, em tese, risível, mas quando vivida imitava ninho de cobras: ela o chamou sem pensar, ela gritou o nome dele na rua; em seguida, deu-se conta do fora, constrangeu-se.

Por vontade dos deuses, ele não ouviu a voz dela pronunciar seu nome, não voltou o rosto cínico a procurar por quem o chamava na rua. Menos mal. Acanhamento privado e intransferível. Ainda assim, irritante. Decerto, os deuses se divertiam com a cena, desempregados que estão desde a queda de Roma. Que lhe restava fazer? Restava sumir dali, antes que o cretino a descobrisse, estancada atrás do volante, no Corredor da Vitória. Ele, todavia, nada

percebeu: passo firme, rumo ao Largo, uma mochila nas costas, cabeça levemente inclinada, ora pro lado direito, ora pro esquerdo, pois era assim mesmo que ele caminhava, como esquecer?

Ela fechou o vidro, rapidamente. Envergonhada, ajeitou os cabelos, consertou os óculos escuros, trocou de marcha, tentando evitar ser descoberta. Saudade? Será possível sentir saudade daquele pulha caminhando a poucos metros? Naquela mochila às costas, naquela mochila, quem sabe, ele levaria os mesmos apetrechos com quê?... Não, ela balançou a cabeça tentando evitar os pensamentos, não interessa, era outra mulher, vivia outra vida, não queria saber.

Entretanto, tomando quase sempre caminho inverso ao discurso, as imagens explodiram em mil fragmentos, misturando recordações e desejos espedaçados. Que foi feito da mulher outrora decidida, a mulher escandalosamente má, ela, somente ela, a deter as rédeas de qualquer movimento executado entre eles? Logo ali, no trânsito, as imagens vinham aos borbotões, desnudando o vivido ao lado daquele... daquele... deveria dizer ex-amigo?

Tentou afastar-se do centro delas, das lembranças-pensamentos. Era preciso evitar o ponto cego dentro do qual ela seria, sem dúvidas, totalmente tragada. Diversão dos deuses vadios, arremessada prum tempo em que andava unha e carne com ele, o amigo perdido. Um tempo quando não era mulher de se constranger com facilidade. Ao contrário, ela e ele atravessavam qualquer desafio, fosse concreto, fosse mera abstração.

Bastou pensar no tempo anterior pro cheiro estranho e, ao mesmo tempo, tão familiar de virilhas alheias deslizar no ar. Saía dos pensamentos, fantasma autônomo, e se corporificava na manhã. Aquele cheiro — não apenas da pele suada, não apenas das axilas, não apenas dos pelos: o cheiro inconfundível da parte mais escura da carne, quando se adentra, perdição e fundura, um milímetro antes/depois de se tornar superfície definida. Reduzida ao olfato, ela não conseguia, por mais que

tentasse, evitar o primeiro quadro a espocar: no banheiro, de pé, colados um ao outro, quatro corpos se movimentam — o dela, recheio do sanduíche formado por dois homens; o dele, de joelhos, língua a lambar a bunda de um dos dois rapazes, aquele que a comia por trás. A mão dela avança por essa última banda do sanduíche, ultrapassa-a e, com alguma dificuldade, mas nem tanto, puxa os cabelos dele, do amigo perdido, naquele tempo, um cachorrinho de joelhos, botando meio palmo de língua pra fora a fim de alcançar o rabo do segundo homem, esse que a penetrava pela frente.

11

Puxar os cabelos dele era uma senha. Está se divertindo, cãozinho?, ela perguntaria, se não tivesse impossibilitada de perguntar: a fala presa na garganta devido aos movimentos violentos dos corpos dos homens preenchendo-a, um na frente, outro atrás. E ela no meio, serpenteando no ritmo do suor alheio. Eva-maçã suculenta, cortada em duas partes iguais. Ela se segurava como podia, imprensada, esmagada qual miolo, ora se misturando à massa de movimentos deles, ora segurando na pia, com medo de desmaiar justamente naquele instante em que eles a rasgariam ao meio, diziam, gritavam, saliva entrando em seu ouvido, iriam rasgá-la em bandas, prometiam, é isso que você quer, sua puta?, resmungava o da frente, sempre mais rápido que o de trás. Por trás da máscara, a esquentar cada vez mais o rosto sem maquiagem, ela sussurrava *sim*, cabeça jogada prum lado, pro outro, boca roçando na boca de um dos homens, queria ser rasgada em bandas, repetia, voz falsamente rouca, claro que *sim*.

Desmaiar não desmaiaria, mas se vacilasse por certo podiam espirrar parte dela no chão. Ocorre quase sempre quando se abocanha um sanduíche: pedaços do recheio escapam, derramam-se melequentos. Mas não, não queria perder nenhum pedaço de si mesma. Imprensada entre os dois homens, precisava permanecer recheio inteiro, aproveitar um instante a confusão de ritmos entre uma estocada e outra, o de trás mais certo, o da frente

mais afoito, e avançar nos cabelos dele: fiel cachorrinho, de joelhos, a cumprir seu papel previamente definido.

Madame gosta de ser recheada pelos dois ao mesmo tempo, ela o ouviu explicar aos rapazes, assim que esses chegaram ao apartamento, alugado estritamente pra tais encontros. Os contatos feitos nos sites de bate-papo, modo privado, definiam antes as condições entre os atores, mas nunca era demais repetir cara a cara, e isso o cãozinho fazia muito bem: madame usa máscara; não gosta de beijos, fotos ou gravações; a casa tem dispositivo que bloqueia celular; lubrificantes são usados apenas quando ela achar necessário; qualquer quebra de acordo, acionará nosso sistema de segurança; favor lavar as mãos antes e depois. Alto, peitoral definido por anos de malhação, voz grave, o cachorrinho não tinha nenhum tique capaz de revelar no porte altivo sinais do papel *canino* a ser desempenhado logo mais. Sua objetividade ao anunciar as regras, em geral, causavam boa impressão nos parceiros, melhor: *nos coadjuvantes*, conforme gostavam, ele e ela, de denominar os homens com quem trepavam.

Escolheram um lugar discreto, no subúrbio, dois quartos, precariamente mobiliado. Tudo era mantido limpo, exceto pela mancha de sangue que forjavam na porta da cozinha, *simples descuido*, a fim de sugerir a triste consequência de alguma quebra de pacto entre os atores anteriores. Servia tão somente pra desestimular ladrõezinhos de plantão, michês mal resolvidos e demais curiosos interessados noutra coisa que não fosse sexo. Sexo intenso, anônimo, sem novelo social ou afetivo, sem qualquer conexão com a rotina diária que levavam a quilômetros dali.

Duas, três vezes ao mês, escolhiam os *coadjuvantes* e iam. O lugar do abate, ele e ela chamavam entre si, meio sorriso, cúmplices. No apartamento havia comida na geladeira; toalhas limpas no banheiro; no quarto principal, álcool em gel, lenços umedecidos, gim com limão e gelo, e cerveja em lata. Ela: a madame, ele: o cachorrinho que recepcionava e acertava todos

os detalhes, depois, riso cínico, enfiava um fio dental na bunda e vinha participar da cena. Quando os *coadjuvantes* saiam, ele se punha de quatro pra lambar o esperma generosamente deixado pelos outros homens, atrás, na frente dela. Mas era justamente aí que o quadro podia perder sua sequência exata, embaralhar-se a outros, posteriores ou antigos. Ocorria naquele instante em que ela, constrangida por ter, num impulso, chamado-o na rua, tentava evitar mais lembranças, concentrada numa manobra brusca, a fim de retornar ao Campo Grande.

13

Naquele momento, o que menos queria era sentir a obsessão com que a mente decide, de repente, perder a visibilidade do *flash* com que espocou, inicialmente, a cena dos dois homens comendo-a, de pé, no banheiro, e emendar noutro, provavelmente mais antigo: ela de chicote na mão, cinta liga e sutiã vermelhos, castigando o cachorrinho, antes de obrigá-lo a se sentar num vibrador-crustáceo, comprado por ambos num *sex-shop* em São Paulo, na Praça da República — um dos melhores, admitiram, riscando o nome de outro estabelecimento que ocupava o segundo lugar na lista dos *sex-shops* visitados por eles até então. No foco, ela estala o chicote na carne dele, riscando-a, concentrada em não perder um segundo do esforço tamanho que ele faz pra enfiar todo o objeto. Dói?, ela pergunta, excitada, agitando a chibata — trança negra e viçosa cobrejando o ar. Ele nega e ela aumenta a pressão: por que demora tanto? Enfie tudo, vá, ordena, impiedosa, diante do contorcionismo demorado dele. Lembra perfeitamente a sensação molhada e fulgurante entre as coxas: apertava-as, úmida, latejando, frente a imagem dele — bo-nequinho, escravo, cãozinho a seu dispor.

Seu papel de cachorrinho, durante e depois do sexo — *selvagem* e *anônimo*, eles gostavam de adjetivar entre si, aos risos —, foi estabelecido de comum acordo: fantasia principal dele, complemento divertido pra dela. Com o tempo, porém, os papéis iam se modificando, deveria dizer... aperfeiçoando? Camadas e

mais camadas, queres revelando outros queres, novas/velhas obsessões. Personagens escondidos em si mesmos, mal realizavam uma brincadeira, queriam outra, por vezes parecida à anterior, porém, de intensidade distinta, de pormenor diverso, qual casca de cebola: quanto mais descascavam, mais precisavam descascar. Aonde chegariam?

Durante anos, ela se viu imersa na contradição: queria machucá-lo, tripudiá-lo, surrá-lo à exaustão, mas, curiosamente, também se pegava com saudades dele, acordava de madrugada querendo notícias suas. Subitamente, ia visitá-lo; comprava-lhe presentes; marcava encontros sociais — no cinema, no *shopping*, em restaurantes chiques. A amizade, inicialmente restrita aos encontros sexuais no apartamento do subúrbio, depois de alguns meses, se estendeu também à vida profissional: proprietária e única funcionária de um curso de redação e tradução, cujo nome já era referência em Salvador, ela rompeu suas próprias regras de jamais ter sociedade com outrem, e cedeu às sugestões dele. Ampliaram o espaço, contrataram secretária, investiram em publicidade, triplicaram o lucro. Ela traduzia, ele revisava. Ela dava aula, ele administrava. Passavam quase todo o tempo juntos, mas prometeram evitar qualquer tentação de falar acerca do *segredinho sujo* — *sexo selvagem e anônimo*, repetiam, deliciados.

Antes, durante ou depois das *transações* com outros parceiros, ela cuspi na cara dele, sugeria posições dolorosas, dava-lhe com o salto do sapato na bunda. Em close não a inteireza do vivido, posto que não poderia, deitada, pernas bem abertas, ter ângulo propício pra ver toda a extensão entre o ânus e a vulva, encharcados do esperma dos *coadjuvantes*. Em close, os pormenores das imagens confundindo fato e fantasia. Não a nitidez perfeita delas, mas justamente o recorte preferido, misturado àquilo que deve ser da ordem do imaginado. Melhor: aquilo capaz de ser visto em parte e complementado com a imaginação. E era, sem dúvida, a passagem que ela mais apreciava: a cara de sujeição

dele, já cansado, de quatro, e a insistência dela estendendo a mão entre os seus cabelos, puxando-os, até que ele uivasse de dor. E quando ele uivava, ela largava um *psiuuuuu* proibitivo: nada de faniquitos, dizia, não gosto de cachorro desobediente, enquanto empurrava sua cabeça em direção à boceta raspada, empapada: trate de lamber tudo, mandava.

15

O vivido vindo aos borbotões. Medo de cair, mas onde? Derapar atrás do volante. Pior: ser descoberta. Por quem? Ela sacudia os ombros, fingindo não se importar: autocensura nos nervos. Não fazia mal a perseguição das imagens, não fazia mal que, diante da sucessão delas, começasse a salivar de novo: a calcinha encharcando, o sexo inchando, o cheiro infestando. Embora surpresa com os caminhos do corpo, da carne até então aquietada, bancou a madura, deu de ombros, novamente. Seria mesmo possível? Voltara a se sentir excitada, tanto tempo escorrido? Ou estava somente saudosa? Impressionada era o termo?

Que graça! Ora, deixasse arder. Cortaria as imagens falando alto e em bom som: não aconteceu nada, apenas chamou sem querer o idiota do amigo que cometeu infanticídio. O cãozinho morto. Perdido, vazando no lixo mental. Que fazer se as lembranças fedem, se o passado é carnificina a céu aberto? Faria uma faxina, é claro. Trataria de esquecer. Certas coisas não se discutem. Pior, bem pior que o gesto de abaixar o vidro do carro, chamá-lo no meio da rua e envergonhar-se em seguida, há de ser o retorno da velha pergunta: por que sentir falta de um cão desleal, de um amigo devidamente riscado da agenda? Por que se deixar excitar ao pensar no passado unha e carne com ele?

Num ponto esfarinhado da mente, ele resistia à destruição dos laços: emergia, riso franco, dando-lhe presentes engraçados; abraçava-a, falando coisas bobas; telefonava-lhe, exatamente no momento em que ela precisava ouvir a voz de alguém. Bem sabe: é sempre mais difícil lidar com o desamor. A percepção embaçada liga pedacinhos do ontem ao cotidiano-hoje: o rosto dele num

pedaço de torta de morango; a voz dele sussurrando a legenda de um filme pornô; o desajeito dele dançando *As tear go by*, versão de Nancy Sinatra, confundindo o ritmo, declarando achar certo trecho da canção parecido com samba, bossa nova, ele afirmou, isso é bossa nova, cantou com Nancy Sinatra, mesmo sem saber cantar.

A tragicidade cômica da vida: como desligar? O rosto do amigo que cometeu infanticídio, o rosto do amigo, antes engraçado, irônico, aparecia apodrecido, despido de toda a significância que outrora ostentou. Rodeado de vermes, não provoca mais conforto, familiaridade, prazer. É um rosto que vai se tornando, Cristo! — ela se assusta como se vítima de uma fígada, um beliscão —, indiferente. Como se jamais tivesse sido o rosto daquele amigo de quem tanto se gostou. Chegará o tempo de se trombar com ele na rua e sequer percebê-lo? Ela não crê, mas desconfia, lógico, é bem possível, no ritmo em que as coisas andam no mundo, como duvidar?

Voltou a balançar os cabelos, a mexer nos óculos escuros. Escolheu entrar numa rua sem saída, mesmo antevendo as dificuldades que teria ao fazer a manobra pra sair de lá, afinal, seu carrinho modelo 97 não ajudava muito — sem direção hidráulica, sem ar condicionado, tampouco trava elétrica, tampouco DVD e demais luxos com que ela, há tempos, estava acostumada. Trocar o carro do ano por um modelo mais velho foi uma das primeiras atitudes que precisou tomar quando se descobriu à beira da falência, depois que ele, espertamente, tirou-lhe toda a grana da sociedade. O cachorrinho depenou-a, e ela teve de buscar outras formas de sustento. O modelo 97 era duro de manobrar, porém, não deixava de ser útil no atendimento domiciliar aos novos clientes: pré-vestibulandos, adolescentes com dificuldade de dominar a norma culta, candidatos a concursos públicos, intercambistas que precisavam, urgentemente, passar no *Toefl*. Justamente o que ela acreditou precisar: ocupações, nova rotina, dificuldades a serem vencidas.

Contudo, nenhum compromisso, nenhuma jornada, por mais estafante que fosse, seria suficiente pra prever e, sobretudo, evitar

o fluxo da mente, a descontrolada mania da mente que, diante da imagem abrupta do ex-amigo andando na rua, resolve brincar de *flashback* em plena luz do dia.

O passado vivido ao lado dele era um perigoso mosaico a brilhar entre os pensamentos: ela está sentada na cama, vendo-o iniciar a primeira *apresentação pessoal* — era como denominavam certos joguinhos que, uma vez por mês, se permitiam. Ele abre a mochila e dispõe os apetrechos a fim de que ela escolha o que usará: bolinhas tailandesas, algemas, gel anestésico, caneta pra escrever no corpo, *smell balls* especificamente feitos pra vagina, mas podiam usar *noutros cômodos*, ele acentuou, maldoso. Clipes pra beliscar o bico dos seios. São os melhores, ressalta, comprara num site holandês, não ferem, e beliscam mais que unha afiada. Ela quer experimentar: dois nela, dois nele. A agulhada dos clipes é boa, posto que se bifurca: uma parte eletriza o couro cabeludo e a nuca, a outra parte dá um nó gostoso no ventre. Ela aprova. Bebe um longo gole de gim e se masturba de frente pra ele. Que mais?, pergunta, falsamente rouca, que mais o cãozinho trouxe? *Corbrator*, ele anuncia, enquanto abre a embalagem: *boku no sexual harassment*. Devo usar, madame? Ela acha graça: vibrador em forma de milho. Não parece grande coisa depois de terem usado o modelo crustáceo, mas ela ri, e quando ela ri, ele ganha, naturalmente, um pontinho na caderneta. Redutor vaginal e anal, ele continua. Presilhas pra pentelhos. Pouco útil, ela critica, estamos sempre raspadinhos. Calcinhas tipo fio dental. Outros modelos de caneta pra escrever no corpo. Madame estende a mão e toma uma delas. Rosa-chiclete. Escreve no rosto dele *hot dog*. Ele confere no espelho a alcunha, dá gargalhadas, e volta a esvaziar a mochila. Outro modelo bastante interessante: *Purple thunder*, vibrador picante, cheio de espinhos de borracha, qual mandacaru. *Create storm in your the bedroom*, anuncia a embalagem. *Uaaauuuu*, ela diz, interessadíssima, adoro objetos ásperos. Riem, histéricos. Madame quer usar. Fica em

sua posição preferida — frango assado — e enfia direto na frente, posto que já estava por demais úmida. Mas não experimenta tempestade alguma. Tira. Usa atrás. Até a metade. Para. Sente uma quentura inicial, como se a massageassem por dentro. Animada, enfia mais um pouco. Percebe umas agulhadas iniciais, que logo cessam. Insiste, enfia tudo, até o talo, grita. Mexe e remexe com o bicho dentro: não acontece nada. Tira-o. Joga pra ele: não gostou. Manda que ele experimente. Ele obedece, de quatro. Ela o ajuda. O cachorrinho geme, parece gostar. Rebola com o vibrador metade dentro, metade fora, enquanto se masturba. Típico cãozinho a se contentar facilmente.

Foi exatamente neste dia que começou a se enfasiar? Ou foi na semana seguinte, quando um dos *coadjuvantes* faltou ao encontro e ela, desinteressada, deixou o cachorrinho no quarto a se entender com o outro rapaz, preferindo ir pra cozinha fazer espagete com gorgonzola? Houve o momento crucial, o corte definitivo, ou foi naquele passo a passo moroso da vida, a ponto de nem mesmo ela perceber?

Um ser humano espantado pela mudança, desimporta se brusca, desimporta se gradual. A transformação... deveria dizer... velhice? Tédio? Cansaço? Depressão? A transformação veio e foi doloroso entender: ela não sentia prazer algum, nem com ele, nem com os outros. Temporariamente, suspensa. Foi perdendo o jeito bom de se entregar e se amassar noutros corpos, fundir-se até não se perceber mais uma estrutura viva, independente. Foi se enojando, sobretudo, do jeito servil dele, afastando-se da matéria e imergindo numa nuvem a que chamou, após alguns meses, *a desvontade*. Era isso: estava numa desvontade de sexo, de brincadeiras, de fusão. E não se sentia de todo mal, ao contrário, sentia-se dispersa, mas ótima: menos demanda, mais leveza. Passou a evitá-lo, tirou férias, fez pequenas viagens, sozinha.

Ele, no entanto, se chateou com a mudança, descompreendido total dos repentes dela. Retraiu-se, ameaçou cortar relações.

Buscou imediato consolo nos braços de uma estrangeira de voz melíflua, declaradamente perversa, que apareceu na empresa deles, atrás dos serviços de um intérprete. A estrangeira, provável títere improvisado pelos deuses, veio na hora exata em que ele não suportava mais as desculpas, as fugas, os silêncios de madame. O pacto, outrora produtivo, tornou-se um calo, um problema: ele deveras desconfiado, ela por demais entojada, a reclamar de qualquer desleixo dele no ambiente de trabalho. Grávida?, ele ainda perguntou, numa das últimas conversas que tiveram, a cara não escondia a decepção frente a nova mulher que ela ensaiava ser. Quase isso, ela explicou, entediada era a palavra, na entressafra, talvez? Precisava de tempo, a fim de descobrir se queria continuar ou não com as sessões de *sexo selvagem e anônimo*, ainda brincou.

19

Paralelamente ao tempo solicitado, viu-se perdendo dinheiro, patrimônio, *status*, e, por fim, a cumplicidade dele. Tudo interligado, sucessão cansativa de ações-cebolas: descascando a morte do amigo-vivo, caía na camada da morte de si mesma, debastando essa, encontrava veias abertas, em pus... Deveria dizer autodestruição? Metamorfose, talvez? A complicada e incompleta alteração na pele da serpente: é preciso arrancar a couraça, deixar o veneno minar. Mas aquela mulher de outrora, de repente não mais unha e carne com ele, de repente fantasma a regurgitar no presente, aquela mulher resistia, negando-se a aceitar o próprio funeral.

A confusão é compreensível, ela se consolava, deve acontecer às melhores famílias. Quando o amigo morre não de morte-morte — a real, que visitará a todos uma única vez e levará qualquer aprendizado, rios e paisagens visitados, pactos, cenas, laços, quiçá, desejos, projeções —, quando o amigo morre de outra morte — ausência de lealdade? Excesso de pequenez? —, ah!, como cansa entender. Ela dormia dias inteiros. Porque, miseravelmente, não havia corpo, elo a ser pranteado. A memória bonita do vivido, eis o pior, a memória começava a ser infiltrada por picuinhas que, naquele tempo, quando se vivia o bonito, não

estavam postas. Então, ela percebeu, estarecida: viveu ao lado de um idiota crescido. Pior: um vira-latas. Morte ralé. Diferente da perda verdadeira, quando, ao contrário, o ser querido desaparece e, no vazio por ele deixado, tudo fica mais intenso, por vezes quem sobrevive se torna um ser humano melhor, generosamente, a transformar quem partiu num amigo mil vezes acima do que ele pudera ser em vida. Mas esta morte de saber que do outro lado não havia de todo uma amizade — somente conveniência —, esta morte de saber que aqueles gestos, aquelas falcatruas tantas vezes desculpadas não eram apenas bobagens — precisamente: estupidez —, que palavra usar então?

Rebobinar o tempo, extrair de lá, dos dias límpidos, a fusão mais rara: ela desliza pelas costas untadas de óleo dele, de cima pra baixo, de baixo pra cima, roça os bicos dos seios, roça o sexo. Derrama gotas de cera fervendo nele. Ele estremece, ela morde, lambe, massageia. Derrama outra gota, crava as unhas até o vermelho mais denso vir à tona, espalhar-se. Ele explode, xingando sabe-se lá quantos nomes, posto que só sabia gozar escandaloso, entre berros e palavrões, enquanto ela o belisca, bate de mão aberta nele, enfia dois dedos da outra mão em si mesma, gozando aos gritos também. Rebobinar, chegar a um milímetro do coração da cena, antes do desmoronamento, dizer: queridíssimo... O quê? O que diria a ele se naquele ponto da mente só houvesse limpidez e eles estivessem frente a frente? Sobrou alguma palavra, um termo mágico a ser agora burilado e finalmente dito? Seu lugar de algoz, outrora tão bem definido, latejava na condição estranha de vítima: roupa por demais justa, subitamente arrebitando botões e costura.

Queridíssimo, ela refez o percurso pelo Corredor da Vitória, a fim de encontrá-lo outra vez. Estava decidida: casca trocada, brilhando de tão nova. Repare, se viu explicando, sozinha, o vidro do carro aberto até a metade: não fica bem vestir um número menor. Se um ser humano nasceu pra ser algoz, por que passar

de repente a vítima? Sim, havia perdido temporariamente as rédeas. Está claro isso? Nenhum drama, no entanto, nenhum desespero. Faz parte, não? Sorriu, satisfeita: as palavras como que encarnadas, soprando uma nova realidade.

Não estava mais confusa, tampouco constrangida... Renascida seria o termo? Reabastecida, talvez? Uma transformação leva tanto tempo pra se concluir. É preciso calma, capacidade de espera. Trocar de pele. Gostou disso. Aproveitaria armas antigas: um *segredinho sujo ao lado dele*. Por que não? Explicaria devagar, sem mágoas, como se explica qualquer coisa a uma criança de cinco anos de idade: queridíssimo, pensando bem... meteu a terceira, soltou o volante, quase borboleta de tão leve. Jamais seria vítima, tinha coragem suficiente pra puxar outra vez as rédeas, impor-se na cavalgada. Ou ele iria preferir que ela usasse um alto-falante? Trio elétrico? *Outdoor*? Quem sabe faixa colorida sacudida por um avião?

Lá estava ele, ela avistou: a mochilinha nas costas, avançando no segundo posto de gasolina da Rua da Graça. Madame sorriu. As palavras, realmente, têm seu tempo, reconheceu. Faz bem quem sabe esperar. O momento-banquete. Sorver o sumo ácido após o longo aprendizado de engorda, um longo intervalo em que esteve marinando, em silêncio. Não assim, num canto pequeno da mente, escolhendo, descartando, copidescando termos e expressões. Não assim, liberta e, ao mesmo tempo, ocupada, porque a poucos metros dele: ela gira todo o volante pra direita, carro velho, duro de obedecer, engata a primeira, acelera, diminui, mais um pouquinho, dá ré pra não perder a linha redonda do retorno pra Graça. Os carros vindos da Ladeira da Barra buzina, indignados, frente àquela barberada. Ela não se importa, faz a curva e segue, tempo nenhum pra pensar no trânsito naquele momento. O mundo gira demasiado veloz, a Lusitânia roda deveras trágica, e as crianças crescidas, ah!, as crianças crescidas, ela quase grita quando chega mais perto: mereciam novas palmadas?

Gargalhada boa. Nem alegria nem raiva, um jato de vida somente. Pra fixarem, pra se misturarem à natureza das coisas fin-
das e, curiosamente, renascidas, os pensamentos precisam de um
empurrãozinho. Tudo não passara de um grande equívoco, que-
ridíssimo, qual ser humano não se engana, vez ou outra? Pra
que virasse um pensamento automático, um equívoco trazido
pelo vento, era preciso descascar outra camada, ir mais fundo,
permitir-se. Ademais, sempre soube: o vento se renova depois de
ter espalhado lembranças, formas perdidas, afetos em frangalhos,
pelo caminho. Mas quem iria se engolfar até perder todas as for-
ças com a tempestade que chegava não era ela, isso estava mais
que certo, baixou o vidro do carro, quase a meio fio, e assobiou
uma, duas, três vezes pra ele. Assustado, ele se voltou a tempo de
vê-la estalar os dedos: venha cá, cachorrinho, *fiufiu*, assobiou, e,
em seguida, cumprimentou-o, falsamente rouca, dentes à mos-
tra, enquanto, divertida, via-o estancar na calçada, alternando a
cara... deveria dizer de medo? Vergonha? A cara de pânico dele.
Terror seria o termo, mas, em verdade, ela preferia *hot dog*, afi-
nal, madame é tradutora das antigas, sabe bem: por vezes, uma
simples metáfora é capaz de resolver o pior impasse, qual conto
de fadas, finalmente possível.